

Cooperativismo financeiro: de força regional a protagonista nacional

O cooperativismo financeiro tem forte presença nos cinco continentes e no sistema bancário internacional, sendo representado com seis posições entre as 50 maiores instituições financeiras globais. Mas é no Brasil que mais se desenvolveu ultimamente, com o impulso da livre admissão e plenitude de portfólio comercial – tanto para pessoas físicas como para o pequeno negócio –, apresentando expansão média de expressivos 20% ao ano.

Ainda que no consolidado nacional a presença não tenha alcançado a proporção e os impactos que o movimento assume nos mercados mais tradicionais (Europa e América do Norte, sobretudo), regional e localmente já existem casos de acentuado protagonismo e influência relevante do segmento cooperativo.

Dados de setembro de 2018 (Banco Central – Censo de cooperados) indicam que na região Sul do Brasil 16% da população busca nas cooperativas o fornecimento dos produtos e serviços financeiros, sendo 24% no estado de Santa Catarina e 17% no Rio Grande do Sul.

Segundo levantamento do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop – set./2018), as cooperativas detêm a liderança na concessão de crédito em oito estados, distribuídos entre as cinco regiões do país. Em Rondônia (Norte do país), por exemplo, são responsáveis por mais de 45% dos empréstimos sem consignação para pessoas físicas e por 60% das operações com recebíveis para pessoas jurídicas, participações essas que no Mato Grosso (região Centro-oeste) são de 35% e 40%, respectivamente. No crédito rural, as cooperativas atendem a mais de 20% da demanda dos produtores pessoas físicas no Paraná e no Rio Grande do Sul. Por fim, resultado da percepção de confiança dos investidores, merece destaque a atuação das cooperativas na gestão de depósitos, que em Santa Catarina e no Mato Grosso alcança cerca de 25% do volume total.

A sua singularidade societária, notadamente pela dupla condição de cliente-dono de seus usuários, e sua proposta operacional, que não contempla o lucro, sem dúvida são elementos-chave nessa acelerada progressão. Some-se a isso o fato da, hoje, relação pouco amistosa entre bancos e clientes (vide resultado de estudo global da Deloitte, divulgado na revista *Exame/SP*, jan./2018, pp. 18 e 19), cujo quadro facilita a presença de soluções alternati-

vas, mais econômicas e empáticas na perspectiva dos consumidores. Adicionalmente, o engajamento comunitário, sob a égide do sétimo princípio universal do movimento, faz das cooperativas uma opção cada vez mais recorrente – e desejada – na prestação de serviços financeiros.

Mas a obra está ainda inconclusa, ou melhor, recém-iniciada, requerendo propagação vertical homogênea, de modo a reproduzir-se em todo o país o projeto virtuoso já consagrado em algumas comunidades e regiões. A ampliação da escala, tanto associativa quanto operacional, e a otimização/racionalização de estruturas são condições indispensáveis para a presença mais significativa do cooperativismo financeiro no país. Para isso, são necessários investimentos em tecnologia, inovação, capacitação e atração de novos talentos, comunicação, estratégias comerciais, entre outras áreas, além de maior efetividade nas ações de intercooperação, tanto entre ramos diferentes (oportunidade operacional) quanto intrarramos (oportunidade de redução de custos).

A notícia boa para a sociedade – indivíduos e empreendedores – é que um ativismo maior e mais uniforme por aqui depende das próprias forças do setor cooperativista, visto que todas as variáveis para a expansão estão no seu campo de domínio e influência.



Divulgação

ÊNIO MEINEN

Diretor de operações do Bancoob, coautor do livro Cooperativismo financeiro: percurso histórico, perspectivas e desafios e autor de Cooperativismo Financeiro: virtudes e oportunidades – Ensaios sobre a perenidade do empreendimento cooperativo.